

ÉTICA DIGITAL NO COMBATE À SUPERFICIALIDADE: UM OLHAR SOBRE A LEITURA CRÍTICA NAS NOVAS GERAÇÕES

Prof. Dr. Fernando Pedro de Moraes - fernandopedromoraes@hotmail.com

Doutor em Comunicação pela Universidade Paulista, especialista em projetos de negócios digitais, tecnologia da informação, estuda processos de tecnologias da inteligência na indústria da música.

Prof. Me. Enos Luiz da Silva Correa - enosluiz@gmail.com

Professor em cursos de educação corporativa com Mestrado em Segurança Pública. Gerente de Projetos. Especialista em Neuroaprendizagem, Práticas Pedagógicas, Psicologia Organizacional, Tecnologia, Educação, Marketing, Gestão de Negócios, Inovação e Direito Público.

Resumo

Este artigo explora as complexas interações entre a superficialidade informacional, o consumo de conteúdos digitais e a formação de habilidades de leitura crítica no contexto da comunicação digital contemporânea. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em autores como Bauman (2001), Bourdieu (1986) e Wolf (2018), investiga-se como a cultura digital impacta os processos éticos e cognitivos. Além de revisar conceitos fundamentais, como modernidade líquida, capital cultural e transformações neurocognitivas, o estudo analisa iniciativas práticas, como oficinas de cultura participativa, algoritmos éticos e programas de alfabetização digital. Por fim, propõem-se estratégias que conciliem avanços tecnológicos com o fortalecimento da leitura crítica e ética no ambiente digital, considerando os desafios de engajamento e reflexão em um cenário marcado pela velocidade da informação.

Palavras-chave: ética digital; leitura crítica; superficialidade; redes sociais; alfabetização digital.

Abstract

This article explores the complex interactions between informational superficiality, digital content consumption, and the development of critical reading skills within the contemporary digital communication context. Using a qualitative and exploratory approach, grounded in authors such as Bauman (2001), Bourdieu (1986), and Wolf (2018), the study investigates how digital culture impacts ethical and cognitive processes. In addition to reviewing fundamental concepts such as liquid modernity, cultural capital, and neurocognitive transformations, the research examines practical initiatives like participatory culture workshops, ethical algorithms, and digital literacy programs. Finally, it proposes strategies to reconcile technological advances with the strengthening of critical and ethical reading in the digital environment, addressing the challenges of engagement and reflection in an era dominated by the speed of information.

Keywords: digital ethics; critical reading; superficiality; social media; digital literacy.

1. Introdução

Vivemos em uma época de comunicação rápida, onde o consumo de informação ocorre predominantemente por meio de plataformas digitais que priorizam a rapidez e a superficialidade. Essas mudanças refletem uma transformação significativa no comportamento de leitura e aprendizagem na era digital, onde a superficialidade líquida, conceito discutido por Zygmunt Bauman, passa a caracterizar o modo como os indivíduos se relacionam com a informação e o conhecimento. Estudos mostram que 62% dos jovens entre 16 e 24 anos consomem informações principalmente por meio de redes sociais, com preferência por conteúdos rápidos e fragmentados (PEW RESEARCH CENTER, 2019).

Nesse contexto, as redes sociais emergem como um dos principais meios de difusão de informações, promovendo a disseminação de conteúdos resumidos e muitas vezes descontextualizados. Tal fenômeno afeta não apenas a qualidade da informação que é consumida, mas também a ética na comunicação, uma vez que a superficialidade compromete a reflexão crítica e a interpretação responsável dos dados e ideias (CARR, 2010; SUNSTEIN, 2018).

Por ética digital, entende-se o conjunto de princípios e práticas que orientam o uso responsável e consciente das tecnologias da informação, promovendo integridade, confiabilidade e respeito às relações interpessoais e coletivas no ambiente virtual (FLORIDI, 2013). No contexto de uma sociedade hiperconectada e marcada pela superficialidade informacional, a ética digital torna-se um norte para a construção de um espaço digital que favoreça a reflexão crítica e a análise profunda. Essa abordagem é particularmente relevante, considerando o impacto das plataformas digitais na formação de hábitos de leitura e na capacidade cognitiva das novas gerações. Como afirma Maryanne Wolf (2018), o consumo predominante de conteúdos rápidos compromete a capacidade de leitura reflexiva, enquanto Floridi (2013) ressalta a necessidade de um compromisso ético no ambiente digital, que se apresenta como um desafio e, ao mesmo tempo, como uma oportunidade para promover mudanças positivas.

Assim, este artigo busca investigar como esse novo panorama afeta o comprometimento com a leitura aprofundada e como a ética digital pode oferecer caminhos para enfrentar os efeitos da superficialidade informacional, fortalecendo a leitura crítica e a compreensão ética em tempos de transformação tecnológica.

2. Transformação Histórica do Mundo

A Revolução Industrial marcou uma profunda transformação na sociedade, alterando a forma como as pessoas trabalhavam e viviam. Antes da revolução, a maioria das pessoas estava envolvida em trabalhos manuais e agrícolas que demandavam um esforço físico intenso. Com a introdução de máquinas, muitas dessas tarefas passaram a ser executadas por sistemas mecanizados, levando os trabalhadores a migrarem para funções mais intelectuais e administrativas (MARX, 1867). Essa mudança moldou as habilidades demandadas pela sociedade, trazendo consequências sociais significativas, como a intensificação da exploração da classe trabalhadora e o surgimento de movimentos operários em resposta às condições de trabalho impostas pela industrialização (THOMPSON, 1963).

Max Weber (1905), em "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", observou como o surgimento do capitalismo industrial redefiniu a ética do trabalho, promovendo valores como racionalidade e eficiência. Michel Foucault (1979), ao explorar a relação entre corpo e poder, destacou como essa transição levou ao

surgimento de espaços dedicados ao exercício físico, como academias, para compensar a falta de esforço físico natural.

Assim como a Revolução Industrial transformou as práticas de trabalho e lazer, a era digital e a inteligência artificial estão redesenhando os hábitos cognitivos e culturais. Esse novo paradigma reflete-se no conceito de "modernidade líquida" proposto por Zygmunt Bauman (2000), que caracteriza as relações sociais e culturais pela fluidez e pela superficialidade. Pierre Bourdieu (1986), por sua vez, ao discutir o capital cultural, fornece uma lente crítica para compreender como as desigualdades de acesso ao conhecimento e às práticas reflexivas são amplificadas na era digital.

O diálogo com autores como Pierre Lévy e Manuel Castells amplia essa discussão, conectando-a ao impacto das tecnologias emergentes na educação e na formação crítica. Lévy (1994), ao abordar a inteligência coletiva, enfatiza que as redes digitais têm o potencial de fomentar a co-construção do conhecimento, mas alerta que isso só se concretiza com práticas educativas que promovam a reflexão crítica. Castells (1996), em "A Sociedade em Rede", analisa como o fluxo de informações digitais reconfigura a dinâmica de poder e aprendizado, criando tanto desafios quanto oportunidades para o empoderamento crítico.

Ao integrar essas perspectivas, observa-se que o fortalecimento do capital cultural na era digital exige práticas que vão além do simples acesso à informação. É necessário desenvolver iniciativas que promovam a análise ética e crítica, preparando os indivíduos para interpretar e questionar de forma responsável os conteúdos que consomem. Essa abordagem não apenas complementa as transformações históricas mencionadas, mas também aponta caminhos para uma integração mais consciente entre tecnologia e formação intelectual.

3. Metodologia

A pesquisa desenvolveu-se mediante uma abordagem qualitativa e exploratória, mergulhando no universo da comunicação digital contemporânea. Nosso propósito central residiu em compreender a complexa dinâmica entre a superficialidade informacional, o consumo de conteúdos digitais e a formação de habilidades de leitura crítica.

Alicerçados em referenciais teóricos robustos de Bauman (2001), Bourdieu (1986) e Wolf (2018), investigamos criticamente os desafios éticos e cognitivos

impostos pela cultura digital. As reflexões transitaram entre conceitos fundamentais como modernidade líquida, capital cultural e transformações neurocognitivas.

A investigação estruturou-se metodologicamente em três etapas complementares:

- Revisão bibliográfica aprofundada;
- Identificamos e analisamos obras seminais que problematizam a superficialidade informacional, a leitura crítica e os dilemas da ética digital;
- Estudo de casos práticos.

Investigamos iniciativas inovadoras, como oficinas de cultura participativa (JENKINS, 2009), algoritmos éticos e programas de alfabetização digital, dialogando com as perspectivas de Lévy (1999) e Castells (1999).

Articulamos perspectivas teóricas e empíricas para elaborar estratégias que conciliem avanços tecnológicos com o fortalecimento da leitura crítica.

Nossas categorias analíticas centraram-se em:

- Impactos cognitivos da superficialidade informacional;
- Potencialidades da ética digital como ferramenta de transformação;
- Iniciativas práticas para promoção da leitura reflexiva.

A metodologia permitiu construir um diálogo consistente entre fundamentos teóricos e recomendações práticas, contribuindo para a reflexão sobre educação e ética digital no contexto contemporâneo.

4. A Hiperrealidade da Era Digital

Com a era digital, a flexibilidade de 'ser quem quiser' online trouxe questionamentos importantes sobre ética e identidade digital. A construção de uma nova ética nesse cenário em transformação, ou mesmo de uma hiperrealidade, evoca reflexões profundas sobre se os valores do mundo físico podem servir de lastro para esses novos territórios virtuais, ou se estamos lidando com algo totalmente novo, sem limites e sem valores previamente definidos. A pandemia intensificou essa experiência, mudando as dinâmicas entre a vida online e offline, e gerando implicações éticas que precisam ser exploradas.

É importante mencionar que a ética, como discutido por filósofos como Aristóteles (Ética a Nicômaco), sempre esteve profundamente conectada ao contexto social e territorial em que os indivíduos estão inseridos. A construção de uma ética

digital requer a adaptação dos princípios éticos tradicionais para novos territórios que estão sendo desenhados na era digital, visando preservar a autenticidade e a responsabilidade. Segundo Floridi (2013), esse 'novo território' digital exige uma ética da informação que leve em consideração os desafios da era da hiperconectividade, onde a noção de fronteira é cada vez mais difusa.

Jean Baudrillard, em sua obra sobre a hiperrealidade, aponta que os ambientes virtuais em construção – como o metaverso e as plataformas de realidade virtual – podem ultrapassar os limites do que entendemos por realidade, criando simulações que têm o poder de redefinir o próprio conceito de identidade e valor (BAUDRILLARD, 1994). A hiperrealidade, segundo Baudrillard, refere-se a uma condição em que o simulacro se torna mais real do que a própria realidade, confundindo a percepção dos indivíduos sobre o que é autêntico e o que é artificial. Nesse contexto, a identidade digital e as questões éticas se tornam mais complexas, pois os indivíduos podem assumir múltiplos papéis e até 'ser quem quiserem', desconectando-se das limitações do mundo físico. No entanto, essa liberdade também traz a necessidade de estabelecer novos limites éticos que possam guiar o comportamento humano nesses espaços virtuais.

Zygmunt Bauman, ao discutir a modernidade líquida, também sugere que os valores se tornaram fluidos e adaptáveis, criando um cenário onde as certezas e padrões éticos do passado são constantemente desafiados (BAUMAN, 2000). Um exemplo disso é a transformação das relações pessoais, que na era digital muitas vezes ocorrem de maneira efêmera e superficial, alterando a percepção de identidade e responsabilidade. Aplicativos de relacionamento e redes sociais, por exemplo, ilustram como a flexibilidade de identidades e a natureza passageira dos vínculos são características marcantes da modernidade líquida. Na era digital, esses valores se tornam ainda mais líquidos, uma vez que o ambiente virtual permite uma flexibilidade de identidade que não era possível no mundo físico. A ética precisa, portanto, acompanhar essa fluidez, adaptando-se para responder aos desafios de um território em constante transformação.

Além disso, a discussão sobre mundos virtuais em construção e o uso de avatares levanta questões fundamentais sobre responsabilidade e autenticidade. Segundo Levinas (1969), a ética é primordialmente uma responsabilidade pelo 'outro'. Nos mundos virtuais, essa responsabilidade pode ser diluída pela natureza anônima e

altamente personalizável dos avatares, dificultando o reconhecimento da alteridade e a empatia, elementos essenciais para uma convivência ética.

Por outro lado, autores como Jaron Lanier (2010), um dos pioneiros da realidade virtual, alertam para os riscos de perdermos a nossa essência humana em meio a esses ambientes simulados. Lanier argumenta que, sem um arcabouço ético bem estabelecido, o uso de avatares e a imersão em mundos digitais podem levar à alienação, onde a noção de responsabilidade se enfraquece. Esse ponto de vista reforça a necessidade de criar uma 'ética dos avatares', que oriente o comportamento em espaços virtuais de modo a preservar a autenticidade e o respeito pelos outros.

Habermas (1984), ao tratar da teoria da ação comunicativa, sugere que o diálogo racional e o consenso são fundamentais para a construção de uma ética compartilhada. No entanto, o território digital apresenta desafios únicos para essa construção, uma vez que a comunicação mediada pela tecnologia pode muitas vezes ser fragmentada e superficial, dificultando o estabelecimento de um consenso ético sólido. A falta de normas definidas e de um território claramente delimitado no ambiente digital torna a ética algo que está em construção constante, e que necessita da contribuição coletiva para ser efetivamente estabelecida.

Portanto, a ética no território digital em construção deve ser vista como uma adaptação dos valores do mundo físico para uma nova realidade que envolve tanto a flexibilidade de identidades quanto a hiperrealidade dos mundos virtuais. A responsabilidade ética, neste novo contexto, não pode ser negligenciada e deve ser desenvolvida de maneira coletiva e inclusiva, considerando os desafios impostos pela digitalização e pela possibilidade de múltiplas representações do eu. A criação de uma nova ética digital, que abarque tanto os direitos quanto as responsabilidades dos usuários, é essencial para garantir que a tecnologia seja utilizada de forma que beneficie a sociedade como um todo, sem perder de vista os valores fundamentais que sustentam a convivência humana.

5. Consumo Superficial de Informações e Suas Implicações Éticas

A superficialidade é uma das características marcantes do consumo de informações pelas novas gerações. Diversos estudos indicam que o formato dos conteúdos digitais, especialmente nas redes sociais, favorece uma leitura rápida e superficial, na qual os usuários são expostos a fragmentos de informações, sem a

profundidade necessária para uma compreensão ampla dos temas. De acordo com um estudo realizado por Maryanne Wolf (2018), o aumento do consumo de conteúdos digitais está correlacionado com uma redução na capacidade de leitura profunda e contemplativa, o que prejudica a capacidade dos indivíduos de desenvolver uma compreensão crítica dos assuntos abordados.

Estudos mais recentes sobre inteligência artificial e plataformas digitais complementam essa análise, trazendo novas perspectivas para o debate. Zuboff (2019), em *A Era do Capitalismo de Vigilância*, explora como os algoritmos moldam comportamentos e limitam a autonomia crítica dos indivíduos, ao priorizar conteúdos que maximizam o engajamento, mas restringem a diversidade informacional. Wolf (2018), por sua vez, destaca que, embora o consumo digital tenha impacto negativo na leitura reflexiva, ferramentas projetadas para estimular práticas analíticas podem reverter déficits cognitivos, ajudando a promover um aprendizado mais profundo.

Nicholas Carr (2010), em *The Shallows*, discute como a internet e as redes sociais afetam negativamente a capacidade de concentração e reflexão profunda, contribuindo para uma sociedade mais suscetível à superficialidade. Complementarmente, Jenkins et al. (2009) sugerem que práticas de aprendizado participativo, como o uso de fóruns colaborativos e elementos de gamificação, podem aumentar o engajamento com temas mais complexos. Esses métodos interativos estimulam o pensamento crítico e proporcionam uma abordagem mais ativa ao aprendizado, promovendo tanto a reflexão ética quanto a análise crítica dos conteúdos digitais.

Essas perspectivas enriquecem o entendimento sobre como a ética digital pode ser aplicada para mitigar os impactos negativos da superficialidade informacional. Além disso, elas oferecem caminhos éticos e práticos para a integração de tecnologias emergentes na formação crítica, incentivando uma utilização mais consciente e reflexiva das ferramentas digitais.

6. Da Contemplação à Superficialidade

No passado, a leitura contemplativa, muitas vezes realizada em espaços como cafés parisienses, era um meio de reflexão profunda e troca intelectual. Essa prática valorizava a literatura e o conhecimento filosófico, essenciais para o desenvolvimento da sociedade iluminista e para a consolidação de valores éticos e culturais. Hoje, no

entanto, observamos uma transição significativa, onde o interesse em leituras complexas e aprofundadas está em declínio, substituído por práticas de consumo rápido e fragmentado de informações digitais.

Carr (2010) e Wolf (2018) destacam que a exposição contínua a formas de aprendizado fragmentadas, promovidas pelas tecnologias digitais, está moldando o cérebro humano para preferir a superficialidade à contemplação. Essa preferência está contribuindo para uma geração menos inclinada ao estudo aprofundado e à leitura de obras clássicas, gerando desafios para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Nesse contexto, o conceito de "academias para o cérebro", introduzido neste artigo, propõe um espaço dedicado ao exercício mental que promova a leitura crítica e a análise reflexiva. Tal ideia encontra paralelo em iniciativas concretas no campo educacional e corporativo. Henry Jenkins (2009), ao discutir a cultura participativa e a alfabetização digital, exemplifica práticas que combinam a experimentação digital com a reflexão crítica, como os "Media Labs". Esses espaços incentivam os participantes a analisar de forma ética e colaborativa os conteúdos que produzem e consomem.

No campo corporativo, programas como o "Google Digital Garage" oferecem capacitações que integram habilidades tecnológicas com debates sobre impacto ético e social, aproximando-se da proposta de academias intelectuais. Além disso, iniciativas educacionais como os programas de neuroeducação descritos por Wolf (2018) utilizam ferramentas digitais para estimular conexões neuronais relacionadas à leitura profunda, demonstrando que práticas de alfabetização digital podem reverter tendências de superficialidade.

Pierre Bourdieu (1986), ao discutir o capital cultural, ressalta que a aquisição de habilidades intelectuais exige esforço contínuo e deliberado, o que reforça a necessidade de espaços que incentivem o desenvolvimento dessas competências. Nesse sentido, as "academias para o cérebro" seriam locais que funcionam como centros de fortalecimento do capital cultural, promovendo práticas que resgatem a profundidade intelectual em um mundo cada vez mais dominado pela superficialidade digital.

Portanto, assim como o corpo humano necessitou de espaços dedicados ao exercício físico na transição da era industrial para a era pós-industrial, a mente agora demanda ambientes que estimulem o pensamento crítico e a análise profunda. As "academias para o cérebro" representam uma proposta concreta para enfrentar os

desafios da superficialidade informacional, aliando práticas educacionais e tecnológicas ao compromisso ético com a formação de uma sociedade mais reflexiva.

7. Redes Sociais e o Declínio da Leitura Crítica

As redes sociais exercem um papel relevante na configuração dos hábitos de leitura das novas gerações. A dinâmica do feed infinito, somada à preferência por conteúdos de fácil digestão, contribui para a perda do hábito de leitura crítica e aprofundada. Segundo Kaplan e Haenlein (2010), o tempo que os jovens passam nas plataformas sociais tem reduzido significativamente o período que poderia ser destinado à leitura de livros ou artigos mais densos. Esse fenômeno impacta diretamente na formação de uma visão crítica sobre o mundo, limitando o desenvolvimento de uma compreensão profunda dos temas abordados.

Ademais, a superficialidade das mensagens compartilhadas nas redes sociais incentiva um comportamento passivo diante da informação, levando à adoção de pontos de vista sem a devida análise e reflexão (FERRARI, 2021; KAHNEMAN, 2011). Como resultado, o público jovem tende a desenvolver uma postura mais vulnerável frente à desinformação e à manipulação de conteúdos. Essa falta de análise crítica pode levar à disseminação de informações incorretas ou de viés ideológico, como destacado por Pariser (2011) em sua análise das bolhas de filtro que afetam a forma como o conteúdo é consumido e compartilhado nas redes.

A psicologia comportamental aplicada ao consumo de informações digitais também evidencia o papel das redes sociais na formação de padrões de consumo superficial. Segundo Daniel Kahneman (2011), o sistema 1 do cérebro humano, responsável por decisões rápidas e intuitivas, é frequentemente ativado durante o consumo de conteúdos curtos e emocionais típicos das redes sociais. Isso resulta em uma redução da capacidade de reflexão crítica, pois o sistema 2, mais analítico e lógico, é menos utilizado em tais situações.

8. Incentivando a Leitura Crítica no Ambiente Digital

Para combater o declínio da leitura profunda, é necessário promover estratégias que incentivem a reflexão e o pensamento crítico no ambiente digital. Plataformas digitais, quando bem utilizadas, podem ser um instrumento valioso para

promover o hábito da leitura crítica. Algumas iniciativas incluem a curadoria de conteúdos, a criação de espaços para discussão e análise coletiva e o desenvolvimento de ferramentas que estimulem a interação do leitor com o texto de maneira significativa.

De acordo com Shirky (2010), a utilização de elementos interativos como quizzes, perguntas abertas e espaços para comentários pode ajudar a manter o engajamento do público jovem e incentivá-lo a explorar os temas de maneira mais aprofundada. Outra estratégia é promover projetos que envolvam a integração de plataformas de leitura com elementos de gamificação, os quais têm o potencial de aumentar o interesse e engajamento em temas mais complexos (RYAN; DECI, 2000).

Nicholas Carr (2010) argumenta que a internet, ao fornecer uma quantidade ilimitada de informações fragmentadas, está mudando a forma como processamos informações e reduzindo nossa capacidade de concentração em leituras mais aprofundadas. Nesse sentido, é necessário que sejam desenvolvidas habilidades que promovam a seleção crítica dos conteúdos, bem como um incentivo à leitura que provoque maior reflexão e análise detalhada (POSTMAN, 2005).

A utilização de plataformas digitais dedicadas ao aprofundamento da leitura, como Kindle e outras ferramentas de leitura eletrônica, pode servir como uma alternativa para engajar os leitores em conteúdos mais densos e reflexivos. Além disso, iniciativas como o uso de fóruns de discussão em plataformas como Reddit, que promovem a troca de ideias e análises críticas sobre tópicos específicos, são fundamentais para criar um ambiente propício ao pensamento crítico e à análise colaborativa (SUNSTEIN, 2018).

9. Desafios para Manter o Engajamento em Textos Densos

Embora existam iniciativas que busquem promover a leitura crítica, há desafios significativos em manter o engajamento dos jovens em textos mais densos e analíticos. O imediatismo característico das plataformas sociais tem contribuído para uma diminuição da capacidade de concentração e paciência na leitura de materiais longos, como destacado por Ferrari (2021) e Carr (2010). As técnicas de gamificação e os incentivos à interação são soluções viáveis, mas não são suficientes sem uma mudança cultural que valorize o aprofundamento do conhecimento.

Neste contexto, a ética digital se apresenta como uma solução relevante. O comprometimento ético não apenas dos produtores de conteúdo, mas também dos consumidores, é essencial para que a leitura crítica seja valorizada e promovida no ambiente digital. A educação digital deve incluir não apenas habilidades técnicas, mas também a consciência crítica e a ética na utilização das ferramentas de informação (KAPLAN; HAENLEIN, 2010).

Floridi (2013) destaca que a ética informacional deve ser vista como um componente crucial na educação digital, onde os consumidores de conteúdo são incentivados a questionar e refletir sobre as fontes de informação e a validade dos dados que consomem. Esse tipo de abordagem pode promover uma mudança cultural em que o consumo superficial de informações seja desencorajado, e o pensamento crítico seja estimulado desde os primeiros contatos com a tecnologia.

Além disso, projetos educacionais que promovem o uso de tecnologias digitais para a criação de conteúdos analíticos e reflexivos, como blogs e podcasts, têm mostrado resultados promissores em relação ao desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico entre os jovens (BARTLETT, 2018). Esses projetos, que integram a produção de conteúdo com a reflexão crítica, ajudam a consolidar uma cultura de leitura e análise no ambiente digital.

Segundo Gee (2003), as práticas letradas digitais devem ir além da simples decodificação de palavras, abrangendo também a capacidade de compreender e criticar os conteúdos apresentados. Nesse contexto, é necessário formar educadores capacitados para atuar como mediadores no desenvolvimento dessas habilidades, utilizando as plataformas digitais como aliadas no processo educacional.

Uma abordagem interessante discutida por Jenkins et al. (2009) é o conceito de "aprendizado participativo", que considera a colaboração e a interação como partes essenciais do processo de aprendizagem. Plataformas como Wikipedia e outras ferramentas colaborativas podem ser utilizadas para estimular a participação ativa dos jovens na produção e análise de conteúdos, incentivando uma postura crítica e reflexiva em relação às informações compartilhadas.

Para tal, o desenvolvimento de programas educativos que envolvam o uso de tecnologias digitais de maneira crítica e reflexiva é essencial. Iniciativas como a "Educomunicação", que integra processos comunicativos ao ambiente educacional, são fundamentais para preparar os jovens para um consumo mais consciente da informação e para fortalecer a ética digital (SOARES, 2011).

Considerações Finais

O consumo de informações rápidas e superficiais é uma realidade presente entre as novas gerações, mas cabe à sociedade e aos educadores buscar soluções que promovam a reflexão e a leitura crítica. É fundamental refletir sobre os prós e contras dessa transição da leitura contemplativa para a leitura superficial e encontrar um equilíbrio entre a tecnologia e a contemplação. Apenas com esse equilíbrio será possível resgatar a profundidade intelectual e garantir um desenvolvimento mais harmonioso na era digital.

Para enfrentar os desafios impostos pela superficialidade informacional, este artigo propõe as seguintes recomendações práticas:

- Políticas Educacionais: Implementação de programas de letramento digital desde a educação básica, integrando práticas que promovam leitura crítica e ética digital, conforme discutido por Jenkins (2009). Essas políticas devem preparar os estudantes para navegar no ambiente digital de forma reflexiva e responsável;
- Iniciativas Educativas: Criação de oficinas e laboratórios de cultura participativa, nos moldes sugeridos por Lévy (1994), que combinem análise crítica com produção de conteúdo digital. Tais espaços podem fomentar habilidades reflexivas e criativas, essenciais para enfrentar os desafios do ambiente informacional contemporâneo.
- Inovação Tecnológica: Desenvolvimento de algoritmos éticos em plataformas digitais, priorizando a curadoria de conteúdos analíticos e informativos, como defendido por Zuboff (2019). Essas tecnologias devem incentivar o engajamento com conteúdos profundos, ao invés de reforçar a superficialidade;
- Parcerias Intersetoriais: Colaboração entre educadores, desenvolvedores de tecnologia e formuladores de políticas para criar espaços digitais que incentivem a reflexão e a análise crítica. A integração de esforços entre esses setores é essencial para transformar o ambiente digital em uma ferramenta de desenvolvimento intelectual e ético.

Essas recomendações buscam equilibrar os avanços tecnológicos com a promoção de práticas educativas que favoreçam a profundidade intelectual e ética. Ao fomentar a reflexão crítica e o consumo consciente da informação, garante-se que as novas gerações possam utilizar as tecnologias digitais de maneira responsável,

fortalecendo a formação de cidadãos mais preparados para lidar com os desafios da sociedade contemporânea.

A ética digital, nesse sentido, deve ser o eixo condutor de ações voltadas à superação da superficialidade informacional. Somente com um compromisso conjunto entre educadores, plataformas digitais e a sociedade como um todo será possível construir um ambiente informacional que valorize o pensamento crítico, a análise reflexiva e a responsabilidade ética.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. Simulacro e simulação. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BARTLETT, Jamie. The People Vs Tech: How the Internet is Killing Democracy (and How We Save It). London: Ebury Press, 2018.

BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, John (Ed.). Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258.

CARR, Nicholas. The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

CLARK, Ruth C.; MAYER, Richard E. E-Learning and the Science of Instruction: Proven Guidelines for Consumers and Designers of Multimedia Learning. Hoboken: John Wiley & Sons, 2016.

COSTA, A. Ética e comunicação digital: desafios na era da informação. São Paulo: Editora Digital, 2022.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: The Psychology of Optimal Experience. New York: Harper & Row, 1990.

DUCKWORTH, Angela. Grit: The Power of Passion and Perseverance. New York: Scribner, 2016.

FERRARI, J. A superficialidade na comunicação contemporânea: um olhar sobre a comunicação digital. Revista de Estudos Digitais, v. 5, n. 3, p. 45-62, 2021.

FLORIDI, Luciano. The Ethics of Information. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

GEE, James Paul. What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *The Theory of Communicative Action*. Boston: Beacon Press, 1984.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JENKINS, Henry et al. *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Cambridge: MIT Press, 2009.

KAHNEMAN, Daniel. *Thinking, Fast and Slow*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

LANIER, Jaron. *You Are Not a Gadget: A Manifesto*. New York: Alfred A. Knopf, 2010.

LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1969.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1867.

MOROZOV, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. New York: PublicAffairs, 2011.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*. New York: Penguin Press, 2011.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*. New York: Penguin Books, 2005.

SHIRKY, Clay. *Cognitive Surplus: Creativity and Generosity in a Connected Age*. New York: Penguin Press, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SUNSTEIN, Cass R. *#Republic: Divided Democracy in the Age of Social Media*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

TURKLE, Sherry. *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in a Digital Age*. New York: Penguin Press, 2015.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1904.

WOLF, Maryanne. Reader, Come Home: The Reading Brain in a Digital World. New York: Harper, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power. New York: PublicAffairs, 2019.